



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

## Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



## Quarentena em Tempo de Primavera

Estamos na primavera de 2020, que começou há cerca de um mês, e estamos com mais de um mês de quarentena, em resposta ao covid-19.

Ambas, a primavera e a quarentena, começaram enquanto decorria, no ano litúrgico católico, a Quaresma, período de sacrifício e abstinência em preparação para a Páscoa, a expressão cristã das celebrações da vida e do despertar da Natureza que, desde os primórdios, assinalam esta época como o início, o recomeço do ciclo da vida. Aliás, a palavra primavera vem do latim primo vere, referindo a primeira estação ou temporada do ciclo natural da vida neste planeta.

Pode parecer irónico, e até despropositado, mas as origens das palavras Quaresma e quarentena estão interligadas.

Ambas referem o número 40. Quaresma originou no latim e refere quarenta dias, a duração do período quaresmal. Quarentena tem origem no italiano quaranta, o número quarenta.

A prática de se fazer quarentena começou muito antes de as pessoas perceberem o que tentavam conter, e o termo escolhido originou nas múltiplas referências feitas na Bíblia ao número 40, visto como um período de ponderação e procura, rumo à purificação.

É claro que tais interpretações foram sendo esbatidas, e até apagadas, pelo tempo. Contudo, a necessidade humana de refletir e reformular é intemporal, ao longo da vida e em períodos de crise. Que esta quarentena seja um período de pausa que nos leve a adotar formas mais justas e igualitárias de tratar as pessoas e o planeta. ♦

# Por Uma Economia Ao Serviço da Vida

Açores presente nas 24 Horas de Solidariedade Feminista no Mundo, das 12:00 às 13:00, na nossa hora e fuso horário especial!

CLARISSE CANHA  
UMAR.Açores

Neste mês em que se assinala o 25 de Abril de 1974, neste dia da Liberdade, apesar da situação da Pandemia do Covid-19, cantou-se às janelas, em todo o país, a Grândola Vila Morena.

A véspera do dia 25, foi também especial, com ação de Solidariedade Feminista no Mundo, no dia 24 de Abril, promovida pela Marcha Mundial de Mulheres, na sua 5ª Ação Internacional. Foi assim que das 12:00 às 13:00, acompanhando o ciclo do sol, em diferentes regiões do planeta, decorreram iniciativas em memória das trabalhadoras textéis que morreram, em 2013, no desabamento do edifício Rana Plaza, no Bangladesh.



Açores esteve presente, no seu fuso horário. “Por uma Economia ao Serviço da Vida” foi o nosso mote! Cerca de duas dezenas de ativistas aderiram à iniciativa, participando com entusiasmo, no processo de preparação e realização, do evento, com a partilha de seus contributos: poesia, música, mensagens em cartazes e reflexões diversas.

Devido às restrições no âmbito da Covid-19, não podíamos

ir para a rua. O desafio foi, realizar um Evento Online, e aconteceu. Das 12:00 às 13:00, no espaço da Marcha Mundial de Mulheres Açores (Facebook).

A nossa ação, online, começou com o Capiré, a música da Marcha Mundial de Mulheres, escrita, em 2000, a várias mãos com a participação de mulheres de diferentes países, e por isso mesmo a “falar” múltiplas línguas, incluindo a portuguesa. De seguida foram sendo



apresentadas as diferentes participações das ativistas. Qual manta de retalhos vividos, da poesia aos cartazes, o evento “Por uma Economia ao Serviço da Vida” deixou-nos excelentes reflexões e denúncias, de pessoas e organizações.

Sem esquecer o Planeta e a Justiça Climática, aqui fica uma das mensagens: “A Crise na Terra e a Desigualdade Social Leva-nos a Unir o Nosso Poder Coletivo”

Resistimos para Viver!

Marchamos para Transformar! ♦

Ver Face. Marcha Mundial de Mulheres Açores

## Abril 2020

# Janela sobre o passado...

Ao longo do século XVIII publicaram-se, em Portugal, alguns escritos misóginos que refletiam as mentalidades dominantes. A estes reagiram algumas mulheres que podemos considerar como pioneiras do feminismo português.

Em 1715, foi dado ao prelo um folheto de cordel intitulado Bondade das Mulheres, cuja autora assinava como Paula da Graça, natural da Vila de Cabanas e assistente na Corte. O seu objetivo foi o de contrapor um antigo poema do madeirense Baltasar Dias, de seu título Malícia das Mulheres, escrito no século XVI e com mais uma edição em 1713. Se o poema critica o sexo feminino, considerando as mulheres como seres perigosos e imperfeitos, a defesa de Paula da Graça não só elenca as maldades que os homens infligiam às mulheres (ciúme, desprezo, infidelidade, crueldade, ingratidão), como exalta as virtudes femininas. Entre a sua argumentação, destacam-se ideias como “se Eva tentou Adão, Maria redimiu a humanidade; só uma mulher ficou do lado



SUSANA SERPA SILVA

de Cristo quando foi condenado por Pilatos; se às mulheres fosse permitida a mesma educação que aos homens, seriam tão aptas como eles a participar na vida intelectual” (V. Anastácio, 2013). Paula da Graça foi uma importante voz feminina e feminista, de setecentos, da qual pouco se conhece. Há quem alvitre ter sido ela aia da rainha D. Maria Ana de Áustria, esposa de D. João V, por dizer-se “assistente nesta Corte”, além de que o seu folheto foi impresso na tipografia régia (B. Ruiz, A Retórica da Mulher em polémicas de cordel do século XVIII, 2009). Porém, é bem possível que tenha escrito sob um pseudónimo e aí abrem-se mais hipóteses. Poderá ter sido uma freira ou uma importante dama da corte, numa época em que a mulher casada precisava da autorização do marido para publicar um livro. A segunda grande voz feminista portuguesa do século XVIII foi Gertrudes Margarida de Jesus. Tal como a sua antecessora, recorreu ao folheto de cordel para responder a um autor

anónimo, em Cartas Apologéticas em Favor e Defesa das Mulheres (1761). Além de apresentar uma lista de mulheres cultas, que se distinguiram na História, a autora defende que se fosse concedido a todas a liberdade de frequentar aulas e universidades “seria a maior parte delas sapientíssimas [sic]; pois vemos terem havido muitas de tão alta compreensão e engenho que, ainda sem Mestres e sem exercício, têm feito admiráveis progressos, assim nas letras, como nas manufacturas”. (V. Anastácio, 2013). Sobre Gertrudes de Jesus nada se sabe, a não ser que citava em latim e conhecia obras francesas contemporâneas. Trezentos anos antes vaticinou o futuro das mulheres portuguesas, hoje em larga maioria no ensino superior. ♦



Anastácio, V., Org.,  
*Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*, 2013.

susana.pf.silva@uac.pt